

ESSE SANGUE

Carlos Herculano Lopes

Ainda o sinto quando ele sobe pela garganta e se coagula na língua me impedindo de falar sobre tudo o que aconteceu nesses anos em que vivi pelos mais distantes lugares só tendo como companheira essa mochila que foi de um cigano que consentava arreios, tachos de cobre e roubava cavalos com os quais conversava em um palavreado estranho e suas mulheres, que eram mágicas, prediziam o futuro com vestidos rodados e dentaduras de prata.

Esse sangue, que está vivo, testemunha a minha gagueira, pois quando quero falar, mesmo que seja para pedir um emprego, ou um prato de comida, ele se coagula na boca e as moças mandam que fique mais calmo, ou me oferecem um copo d'água no instante em que chamam o primeiro da fila, mandam que eu volte outro dia, e apontam para mim o olho da rua.

Porque trabalhar em fazenda com um berrante nas mãos guiando boiada já não é o meu feitio, pois como vaqueiro só tive mágoas, como o dia em que matei uma velha que disse que o gado não passaria em seu quintal; mas, por ordem do patrão, que hoje é deputado e tem até cidade com o seu nome, eu provoquei o estouro e mais de mil bois, em um bater de chifres e repisar de cascos, amassaram o seu corpo e desde então ela me aparece, diz que os bichos vão comer a minha carne, e que morrerei sem o conforto de uma cova.

Com esse sangue, que mancha a minha pele, vou vivendo o dia-a-dia no banco em troca de um prato ou uma mulher destas que chamam para um programa porque são as mais baratas; mas

já cheguei a ouvir, em uma conversa de bar, que nessa cidade existem velhas que alugam meninas por telefone, e com elas pode-se ficar até ter nojo ou pena, porque todas são anestesiadas, e delas só se sente o frio dos corpos, com o compasso ritmado da respiração.

Não penso em conseguí-las; pois as minhas, embora mais feias, se contorcem como cobras; mas são fatos que não posso, nem consigo entender, porque pertenço a dois mundos, e na fazenda, antes de comprar essa mochila e botar o pé na estrada, as coisas eram diferentes, pois quando, aos quinze anos, tive a minha primeira mulher, eu já a encontrei nua, com um sorriso nas faces, as pernas abertas, a respiração ofegante, e um cigarro nas mãos.

Fiquei rígido e olhava em seus seios quando uma mariposa, que depois fiquei sabendo ser o símbolo do seu amor, saindo do seu ventre, pousou em minha boca e esse sangue, que agora você o vê ralo e sem vida, provocou gotas escuras que mancharam o lençol e ela, antes arredia e tensa, disse que se sentia fêmea e foi me engolindo aos poucos, e não sei quantos dias, ou quantas noites, gastou para me digerir.

Há pouco tempo, andando sem rumo, a avistei com duas crianças mas não quis detê-la, pois fiquei sabendo, sem que chegasse a ser surpresa, que ela está na zona e a fila que os homens fazem, em busca do seu corpo e do voar da mariposa, dobra os quarteirões, e por ela muitos se matam, deixam suas famílias, ou se apodrecem na cadeia.

Hoje o banco está fechado, já é tarde e ainda não comi, não sei onde vou dormir porque na praça está proibido e qualquer tentativa será desfeita por soldados e cães que nos expulsarão com bombas e dentadas antes de levantarmos os nossos escudos, que são as tampas dos bueiros.

A solução é ir para o mercado ou para a estação ferroviária até que eles cheguem novamente e nos ameacem de morte caso atrapalhem as obras do metrô ou a passagem de carros com visitantes que elogiam o nosso povo pela limpeza das ruas e a cor rosada das faces.

Esse sangue e essa mochila, essa angústia e essa dor, são coisas tão próximas, que qualquer dia aceito o convite que me foi feito por um amigo: vou à sua casa onde ele diz ter armas contrabandeadas. Unto-as com cuidado, compro balas dum-dum, um cinturão, e quem sabe se com esse sangue, que você olha com indiferença, eu joga uma bomba no banco: ou experimento um desses pardais que voam por aí.